



**SILVA, FABIO MARIO DA; RITA, ANNABELA; DAL FARRA, MARIA LÚCIA;
VILELA, ANA LUÍSA; OLIVEIRA, ANA MARIA (ORGS.). *JUDITH TEIXEIRA:
ENSAIOS CRÍTICOS NO CENTENÁRIO DO MODERNISMO*. LISBOA/ VISEU/
PORTO: EDIÇÕES ESGOTADAS, 2017.**

Edson Santos SILVA¹

O compêndio com conjuntos de textos sobre a obra de Judith Teixeira foi publicado pelas Edições Esgotadas, em julho de 2017, e conta com a organização de Fabio Mario da Silva, Annabela Rita, Maria Lúcia Dal Farra, Ana Luísa Vilela e Ana Maria Oliveira (essa última também responsável pela revisão do livro), cuja abertura é uma foto de Judith Teixeira, na qual se destacam os olhos da escritora, e em seguida há um manuscrito fotocopiado do poema “Sonho”. Outro manuscrito, também fotocopiado, fechará a obra, o soneto “Fera”. A epígrafe² traz os seguintes versos da poeta: “Aos braços delgados, e brancos, e nus da minha/Quimera/em cujas curvas de Perturbação e de sonho/ musical, eu descobri o ritmo selvagem e/ sonoro da vida.”

Antes da “Nota Prévia”, escrita por Fabio Mario da Silva, os organizadores dedicam a obra a duas mulheres: Judith Teixeira e a Professora Dra. Cláudia Pazos Alonso, ilustre ensaísta judithiana, pelo resgate da obra da autora e por ceder as imagens dos manuscritos na referida edição. Cabe destacar da “Nota Prévia” a afirmação de que a obra, ao apresentar uma escritora silenciada durante anos pela Historiografia e Crítica Literária, tem como pioneirismo dar a público uma consistente fortuna crítica daquela que foi a escritora-musa portuguesa, num período em que o talento das escritoras não era reconhecido pela maioria dos escritores masculinos, além de ignorado pelos veículos de comunicação.

O livro, ao mesmo tempo, anseia render homenagem – ainda que tardiamente, como assinala o pesquisador –, a uma escritora que tinha um projeto literário transgressor; basta

¹ Professor da Universidade Estadual do Centro-Oeste -campus Irati.

² Mesma epígrafe da obra *Nua: poemas de Bizâncio*, de 1926 que faz parte do livro: TEIXEIRA, Judith. *Poesia e Prosa*. Organização e estudos introdutórios de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2015.



pensar que um dos temas de sua obra é o lesbianismo, durante um período de ditadura em Portugal. A obra deseja despertar leitores para o universo literário, bem como para os meandros da produção judithiana, por meio de várias perspectivas teóricas apresentadas ao longo da obra, como, por exemplo, dos seguintes críticos: Ana Luísa Vilela, Ana Maria Binet, Ana Raquel Fernandes, Ana Maria Rodrigues Laguardia, Annabela Rita, António Fernandes Cascais, António Manuel de Andrade Moniz, Catherine Dumas, Chris Gerry, Deolinda M. Adão, Eliana Luiza dos Santos Barros, Elisangela da Rocha Steinmetz, Fabio Mario da Silva, Inês Pedrosa, Iracema Goor, Isa Vitório Severino, Isabel Ponce Leão, Jorge Vicente Valentim, Juliana Cristina Bonilha, Lina Arão e Henrique Marques Samyn, Maria do Carmo Cardoso Mendes, Maria Lúcia Dal Farra, Marly Catarina Soares, Martin de Gouveia e Sousa, Michele Vasconcelos Oliveira do Nascimento e Rodrigo Santos de Oliveira, Patrícia da Silva Cardoso, Paulo Geovane e Silva, São João Almeida, Susana Rosa.

Os estudos de todos esses pesquisadores são relevantes, mas dado o espaço de uma resenha cabe eleger alguns estudos, e o primeiro deles será “O sexo e o nome. Notas para uma leitura das novelas de Judith Teixeira”, de Ana Luísa Vilela. Interessa à pesquisadora em seu texto apresentar as convergências entre as duas novelas de Judith Teixeira, “Satânia” e “Insaciada”. Inicialmente apresenta a recepção das duas obras por alguns críticos, observa que quase todos tocam os mesmos pontos: de um lado, a irrupção do instinto da mulher e a necessidade genésica do macho; e, de outro, as exigências de sua inteligência. O primeiro vetor estaria mais próximo de “Satânia”, e o segundo de “Insaciada”. Essa dicotomia colocaria em paralelo o mundo da inteligência (caracterizado pelas atitudes inteligentes e bizarras, e sempre ladeado por um sentido de beleza) e a vida real (caracterizado pelo abismo e pela tragédia). Com efeito, a oscilação entre desejo e razão tende naturalmente para o campo do erotismo que, visto pelo prisma dos gêneros, abre uma porta para “ideias embrionárias de um certo feminismo” (SILVA, 2015).

A leitura das novelas proposta por Ana Luísa Vilela começa por aproximar as protagonistas das duas obras, denominadas pela pesquisadora de “arquipersonagens”, em virtude de as duas protagonistas representarem um ser feminino genérico, um significante intimamente cúmplice do narrador que, contudo, não se confunde com ele. Outros pontos de contato entre as duas novelas são: o meio social elevado e o desequilíbrio entre os parceiros, a valorização da Natureza e a fusão dos amantes nos seus ritmos envolventes, o resgate simbólico e vitalista da beleza e da feminilidade natural ligadas à fertilidade. Temas como



desejo feminino, representação do corpo da mulher, influência inibidora de extração paterna e sexualidade humana estão presentes nas duas novelas. Lembremo-nos que quando há convergências há divergências, e estas se dão não nos temas das obras, mas no cerne das protagonistas, Maria Margarida e Clara. Elas são ao mesmo tempo mulheres que pertencem à intelectualidade, ao esteticismo, à excecionalidade e à desadaptação, seja com o meio em que vivem, seja consigo próprias. Essa clivagem faz com que a ontologia das personagens seja, como bem afirma Ana Luísa, da ordem do problemático, e por isso “Margarida e Clara não evoluem, nem crescem: descobrem, debatem-se e renunciam.” (VILELA, 2017). Talvez uma das grandes novidades das duas novelas para o leitor de hoje seja aquela que ao tratar do erotismo faz reverberar uma certeza universal, mas às vezes esquecida: aquilo que o desejo realiza sempre é desproporcional com aquilo com que se sonha.

Em “A Saudade em Judith Teixeira”, Fabio Mario da Silva enseja analisar a importância do manuscrito “Da Saudade”, e apresentar em quais fontes a escritora foi beber para dar nova roupagem a um termo fundamente para o entendimento da alma portuguesa. Segundo o pesquisador, o termo “saudade”, além de aparecer em versos esparsos publicados em jornais, pode ser encontrado em todas as obras da poetisa. Em *Decadência* (1923), o lexema significa sofrimento. Aparece como estado contemplativo em *Castelo de sombras* (1923), sentido de pesaroso, desagradável. Até aqui ainda não há uma releitura desse lexema. A reviravolta há de se dar em alguns poemas nos quais a poetisa rejeita o sentimento trazido pela saudade, propondo formas de se livrar dele. São poemas dessa tessitura “Adeus”, “Telefone”, “Vida”. Essa postura, ou seja, mudança do discurso poético em relação à Saudade, vai se materializar com o manifesto “Da Saudade”, no qual a escritora vai combater uma saudade que seja sombra aliciante, mal doloroso, uma beleza doentia. Nota-se que a saudade enquanto algo que lembra a melancolia e, portanto, algo paralisante que deve ser combatido. Em oposição a uma saudade como algo estático, passivo, Judith Teixeira propõe em seu manifesto, e nesse aspecto reside seu pensamento fortemente ligado ao Modernismo, a saudade como algo dinâmico: “um poder viril da vida, de realização”. Dessa forma, a escritora de *Da Saudade* deseja, como aponta Fabio Mario, uma alteração do valor semântico desse lexema: deixar de exaltar a tristeza dos que vivem no passado e dignificar a alegria dos que dinamizam o futuro.

“Judith Teixeira e Maria Teresa Horta: poéticas do corpo”, de Inês Pedrosa, tem como objetivo pensar a “escrita corpórea”, expressão fundamental, não redutora, para a



mundividência de duas poetisas silenciadas pela Historiografia e Crítica Literária portuguesa. A defesa da escrita do corpo como ponto de confluência se impõe, visto que “sinalizam um percurso de experimentação textual do corpo e da sensualidade secularmente interdito às escritoras do sexo feminino” (PEDROSA, 2017). Para tanto, Inês Pedrosa colocará em paralelo obras que, separadas por oitenta anos, ainda mantêm um excitante diálogo: *Nua*, *Poemas de Bizâncio*, de Judith Teixeira (1926), e *Inquietude*, de Maria Teresa Horta (2006). São obras de maturidade das autoras e cujas convergências residem em destruição do mito vitoriano que via a mulher como o Anjo da Casa; o confronto entre passado e presente é visível e tempestuoso; ambas redesenham mundos singulares e reativam palavras exaustam a partir do mergulho consciente e corajoso na escuridão do corpo e do desejo. Nesse ponto, Inês Pedrosa chama a atenção dos poemas que abrem os livros das poetisas: “A vida”, de Judith Teixeira, que começa com a palavra “Sim”, e “Corpo”, de Maria Teresa Horta, que se abre com “Sou voraz”. As duas assertivas, “Sim” e “Sou voraz” permitem a articulista concluir que “uma mesma afirmação convicta do ser e de uma sexualidade panóptica une estas obras tão distintas entre si.” (PEDROSA, 2017). Judith Teixeira e Maria Teresa Horta, nas aliantes palavras de Inês Pedrosa, se irmanam erótica e poeticamente ao iluminarem “o silêncio que prolonga o poema como corpo que se estende para lá da linha do fim” (PEDROSA, 2017), e se desnudam amorosamente e sensualmente à espera do leitor, ou melhor, dos leitores.

“Cores ardentes: imagens decadentistas na poesia de Judith Teixeira,” ensaio de Maria do Carmo Cardoso Mendes, em síntese tem como fim destacar o valor de Judith Teixeira no contexto Decadentista português. A ensaísta não descarta de demonstrar como a escritora articula em sua poesia alguns *topos* decadentistas, como, por exemplo: o *taedium vitae*, a exaltação de estados mórbidos, a capacidade de encontrar beleza em elementos aparentemente repulsivos, a atração pelo exotismo oriental, a prevalência dos raros vocábulos. Essas fórmulas poéticas aproximam a poesia judithiana de Camilo Pessanha e de Mario de Sá-Carneiro, causando estranheza, silêncio e até mesmo desprezo de nomes significantes do Modernismo português, como Fernando Pessoa, por exemplo, terem ignorado, dado a sua qualidade, a poesia de Judith Teixeira. Em relação ao *taedium vitae*, no poema “Tédio”, a começar pelo título, mas não só, como assinala a ensaísta, o uso das reticências e do gerúndio apresentam uma concepção do tempo como marcha indelével de agonias, cujo apaziguamento só se dará com a morte. Há ao longo da poesia de Judith Teixeira uma exaltação de estados



mórbidos, na qual no espaço poético se desnuda “um imaginário de prenúncios trágicos” (MENDES, 2017). Nesse sentido, as composições “Maus presságios” e “Crepúsculos” são excelentes exemplos. O percurso decadentista da poesia de Judith Teixeira inevitavelmente a aproximaria da imagem do artista incompreendida proposto por Baudelaire, em seu famoso poema “Albatroz”. Vítima de uma visão tacanha e preconceituosa, tanto de sua vida quanto de sua obra, Judith Teixeira externaria em clara chave intertextual com o grande nome da poesia decadentista francesa os seguintes versos: “Trago nos braços a Asa desolada/ Dum prisioneiro raro, dum Condor!”

Em “Rubro corpo do Ser: Judith Teixeira e o existencialismo erótico”, Paulo Geovane e Silva une dois conceitos filosóficos, existencialismo e erotismo, para assim adentrar na poesia judithiana. A descontinuidade, para o pensador Bataille, é a chave para entender o erotismo. Essa mesma perspectiva, a da descontinuidade, serve para a compreensão do existencialismo. Destarte, erotismo e existencialismo se fundem e passam a ser um existencialismo erótico, em que “os liames e as fronteiras entre a existência humana que, sendo determinada pelo mundo, contígua e concomitantemente também o determina.” (SILVA, 2017). Em “Decadência” por meio da cor rubra, aliás, na obra tudo é praticamente rubro, vermelho, encarnado: “a boca rubra”, “descobri a cor rubra” etc... ocorre por meio da hipotipose, uma espécie de cena na qual o leitor tem a sensação de que as percebe visual e pessoalmente. Estabelece-se, por conseguinte, um existencialismo erótico, que em Judith Teixeira se afasta daquele endereçado para a reprodução humana, e se espraia para “um desejo de conexão e de um resgate de um prazer em falta.” (SILVA, 2017). Entretanto, este prazer tem um preço: a dor. O erotismo dos corpos em Judith Teixeira toca o campo da violência e pode ser representado dramaticamente pela tríade: dor-erotismo-violência. Tríade que compõe uma engrenagem erótica e existencial presente nos versos judithianos, cujo melhor exemplo, talvez, esteja presente na composição “A mulher do vestido encarnado”, da qual emerge o verso: “E num frêmito de louca de louca/cravava na tua boca/ um beijo rubro de sangue”.

A obra *Judith Teixeira: ensaios críticos. No centenário do Modernismo* apresenta, como bem evidencia o ensaísta Paulo Geovane e Silva, uma mulher singular, cuja obra emergiu graças ao trabalho de pesquisadores, que viram na literatura dessa escritora uma parte escondida, ou seja, omitida e ignorada da História da Literatura Portuguesa e, de modo particular, do modernismo lusitano, que insiste, como até hoje acontece, em ignorar e apagar



a produção de mulheres escritoras. Hoje, felizmente, a lírica erótico-existencial judithiana [e sua produção em prosa e manifestos] “dá às mulheres que, ontem, estavam silenciadas no próprio corpo e memória, na própria sexualidade e, é claro, em suas respectivas possibilidades de erotização e representação, o direito de elas terem ânsia de além e abrirem as asas e voar sobre todos e além do tempo”, como bem assinala o mesmo ensaísta Paulo Geovane e Silva. Assim, essa obra de ensaios críticos sobre Judith Teixeira se torna essencial como referência para a sua fortuna crítica.